

A CRIANÇA, A LEITURA E O FONOAUDIÓLOGO

Clélia Bolaffi

LITERATURA INFANTIL. GOSTOSURAS E BOBICES.
de *Fanny Abramovich*. São Paulo, Scipione, 1989. 174p.

O Brasil ainda é um país onde se lê pouco. Não me dei ao trabalho de compilar estatísticas sobre a quantidade de livros comercializados, per capita, em diferentes países, comparativamente ao nosso, mas se o fizesse, apenas documentaria a obviedade que todos nós conhecemos. Os adultos, em geral, lêem pouco, e entre os professores são poucos os que adquiriram o hábito de leitura, enquanto atividade recreativa. Conseqüentemente, também são poucas as crianças que, em casa ou na escola, recebem estímulos que as conduzam ao prazer da leitura. Não nos sentimos diminuídos, há boas razões históricas para isso. Somos um país de povoamento relativamente recente, que ocorreu graças à mescla de índios, caboclos, escravos e imigrantes pobres. Nossa renda per capita sempre foi baixa, em termos relativos, e até poucas décadas passadas constituíamos uma nação preponderantemente rural e analfabeta. Nesse contexto, o aumento do movimento editorial e dos leitores de todas as idades, ao longo dos últimos 40 ou 50 anos, é até surpreendente. Aliás, tudo nos sugere que nem a televisão, proporcionando um lazer mais barato, mais fácil e menos demandante, tenha interrompido a lenta mas crescente difusão do hábito da leitura recreativa entre nossos adultos e crianças. Essas considerações me vieram à mente durante a leitura do excelente livro de Fanny Abramovich sobre a literatura Infantil. Mais uma

vez essa autora vem nos deleitar com seus escritos sobre livros, mobilizando lembranças de antigos prazeres, fantasias e emoções possíveis de reviver com a leitura desse texto. Não que a autora aborde nesse seu texto as histórias dos livros de minha infância. Na verdade, o livro trata, de forma clara e concisa, de boa parte da literatura infantil atualmente disponível no mercado. Ele abrange e comenta desde contos de fadas e poesias até as histórias modernas, com temas ousados – tratados com seriedade –, como, por exemplo, a morte e a separação de casais. Seu objetivo é orientar educadores, aos quais o livro é explicitamente dirigido, a compreender o mundo através da literatura infantil. O resultado é altamente sedutor na medida em que de forma coloquial, simples e espontânea, a autora passa ao leitor a idéia de que ler é gostoso, dá prazer, ensina e emociona. Nós, fonoaudiólogos e outros terapeutas e educadores, que lidamos na grande maioria das vezes com crianças, assistimos hoje em dia a outras fontes de emoção e aprendizagem como a televisão, por exemplo. Todos aqueles personagens-monstros ou aquelas mocinhas bonitas que cantam e pulam emocionam. Os desenhos animados também fazem sonhar, provocam fantasias e mexem com as crianças. Não se pode negar isso e não gostaria de resvalar pelo caminho perigoso do saudosismo de um tempo passado, onde o mundo era conhecido, princi-

palmente, pelo conteúdo da palavra escrita, ou quando muito através das notícias e programas de rádio. Nós que chegamos aos 'enta' somos melhores porque lemos mais? Qual nada. Não é esse o pressuposto, mas sim o de que a leitura é uma das formas de compreender o mundo, e que ler histórias escritas para crianças pode ser muito gostoso, excitante e altamente enriquecedor. "*Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido.*"¹ O problema é que essa forma de apreensão do mundo é, sem dúvida, mais difícil, mais cara e, portanto, menos acessível aos mais pobres. A paisagem das favelas e bairros de casas populares está coelhada de 'espinhas de peixe'. Radinhos de pilha dá para comprar a prestação e muitos pais levam seus filhos para ver jogos de futebol, a parques públicos e até a cinemas e teatros. Ainda bem, as crianças vão aprendendo coisas daqui e dali. Isso sem mencionar os filmes de vídeo e os videogames.

Mas e os livros? Onde estão os livros? Como é que esses são colocados ao alcance das crianças? E que livros são esses? Interessam? Emocionam? Ensinam? Um número considerável de crianças brasileiras, e não estou falando apenas das mais pobres, mais de boa parte da assim chamada classe média, vai entrar em contato com textos escritos para crianças apenas quando entra no período de alfabetização formal, na escola.

Até então ela 'lia' livremente o mundo, os cartazes

de publicidade nas ruas e na televisão, as placas, os rótulos de produtos industrializados e tantos outros objetos impressos. Lia também as horas e os dias da semana, o tempo de frio, de calor, de chuva, de lua cheia e de quando ela fica pequeninha. Colocava no papel, quando tinha oportunidade, várias formas de representar tudo o que ia 'lendo' e, conforme nos mostrou Emilia Ferreiro,² ia construindo sua escrita, percorrendo, calmamente, o caminho que a humanidade trilhou para a criação da linguagem escrita. O tempo antes da escola, para essas crianças, nem sempre era fácil, mas, certamente, fantasias, alegrias, surpresas, emoções, enfim, eram vivenciadas. Na escola, agora, quase tudo o que aprendeu do mundo é minimizado, e ela começa por receber uma cartilha que, pelas suas características de extrema aridez, pode constituir-se numa das experiências mais chatas que a criança já teve até então. Imaginamos então que de um jeito ou de outro ela passe pelo "*O ovo é do Ivo*", "*A uva é do Vovô*" e chegue, galhardamente, até "*A zabumba do Zacarias*". O que ela ganha então, na 2ª série, na 3ª série e daí por diante? Livros de Português, com pequenos textos e até poesias, seguidas de páginas e páginas onde a história lida é tão cuidadosamente cindida, esmiuçada, retalhada e dirigida, nos exercícios de compreensão do texto, que qualquer prazer, fantasia ou emoção que ela possa ter provocado, certamente se esvai.

O mesmo acontece lá pela 3ª série, até o colegial, com as abomináveis fichas de leitura dos livros indicados, para toda a classe, pela escola. E ainda há provas escritas, sobre o livro,

1. PROUST, M. *Sobre a leitura*. Campinas, Pontes Editores, 1989. p.9.

2. FERREIRA, E. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo, Cortez, 1985.

onde jamais aparecem questões que levariam o leitor a ter qualquer tipo de reflexão crítica ou que o induzissem a fazer qualquer tipo de relação entre o que leu, sua própria vida e tudo aquilo que o circunda. E, muito menos ainda, esse tipo de leitura promove o desejo de ler, por prazer ou curiosidade. Quando isso acontece é quase como um milagre.

Essa é uma realidade que Fanny Abramovich procura modificar com seu livro quando, literalmente, ensina aos educadores as coisas maravilhosas que a literatura infantil proporciona. Ela sabe que esses educadores também passaram pela mesma escola e necessitam de ajuda para compreender, organizar e modificar suas idéias sobre literatura infantil. Ela também mostra, de forma organizada e abrangente, o que há de gostoso e bobice nos livros que se pode e que se deve colocar ao alcance das mãozinhas das crianças.

E os fonoaudiólogos? Eles padecem do mesmo mal; com exceções, é claro, assim como há exceções entre os demais educadores. Os fonoaudiólogos passaram pela mesma escola, preencheram as mesmas fichas de compreensão de leitura e, conseqüentemente, muitos deles não tiveram e não têm também nenhuma disponibilidade para a literatura. Só recentemente, em alguns poucos cursos de graduação em Fonoaudiologia, são indicados livros que não sejam técnicos. E, ainda, em número menor são os professores desses cursos que mencionam a literatura infantil como material de trabalho.

Qual é o material que o fonoaudiólogo padrão utiliza? Como é uma sala de terapia desse fonoaudiólogo? O que é que o fonoaudiólogo tem na sua sala como material de leitura? Aqui também, com honrosas exceções, o que mais freqüentemente se vê são brinquedos pedagógicos,

do tipo quebra-cabeças, jogos, coisas que fazem ruído, o espelho, três ou quatro livros de histórias, meio velhos e pouco atraentes, alguns livros didáticos e algum de crônicas para testar a voz de adolescentes e adultos. Estou exagerando? Não! Não estou não; tenho visitado inúmeras salas de terapia fonoaudiológica, sem falar de instituições estatais e privadas, onde esses profissionais atuam.

E quem é que vem para ser 'trabalhado' pelo fonoaudiólogo, muitas vezes encaminhado pela escola, quer para os privados, como para os das instituições? Nesse ponto é que a situação me parece particularmente grave. Pois não são, justamente, aquelas crianças com dificuldade de comunicação, dificuldade para falar, para ler e para escrever? A prática não vem nos mostrando que a grande maioria das crianças encaminhadas pela escola por supostas dificuldades de aprendizagem não são disléxicas, e nem portadoras de dificuldades de percepção ou de acuidade auditiva ou visual? O que é que essas crianças têm, então?! E, sobretudo, o que é que o fonoaudiólogo faz com elas? Esta é a questão que se coloca.

Uma grande parte das crianças que são encaminhadas aos fonoaudiólogos, com queixa de dificuldade de aprendizagem, parece estar-se tornando mais claro agora, são exatamente aquelas que parecem não ter suportado a violência imposta pela cartilha. Elas podem ser de famílias pobres ou ricas; podem vir das escolas privadas tradicionais, ou daquelas pequenas, 'ali da esquina do bairro'; ou das escolas de 1º grau, municipais e estaduais. Estão no interior, na capital, no Morumbi ou em Sapopemba: são todas péssimas leitoras e escrevem mal. E, acima de tudo, estão criando ou já criaram horror a tudo que venha da escola, inclusive a lite-

ratura infantil, que, rigorosamente, não leram e não gostaram.

Com esse caso nas mãos, o fonoaudiólogo – ainda uma boa parte deles –, o que faz? Treinamento! Se a dificuldade que apareceu é a discriminação no traço da sonoridade, as frases apresentadas para o treinamento fazem inveja ao *"Ivo viu o ovo"* e aparecem: *"o dedo do Dudo é duro"* e *"o tio da Tita tem um táxi"*! Histórias inteiras na língua do T são montadas para ser lidas, copiadas, ditadas e treinadas. Como escrever esse tipo de histórias é difícil e, sobretudo, como o objetivo não é a linguagem, a comunicação, mas pedaços dela, o resultado é, quase sempre, muito aborrecido. A idéia em si de produzir textos repetindo a mesma letra o maior número de vezes, pode ser até interessante. Brincar com as letras, sua sonoridade e sua forma, pode até ser uma coisa gostosa e engraçada. É o que nos mostram Cecília Meireles e Vinícius de Moraes, entre outros, em seus poemas escritos para crianças, como tantos outros autores, inclusive os concretistas, o fizeram para os adultos. Tudo depende de como se apresenta o material, objeto do trabalho, e qual é a concepção de linguagem subjacente a esse trabalho.

Uma das crianças com quem trabalhei, que tinha as suas dificuldades com os 'esses' e 'zês' na fala, adorava escrever frases 'malucas' com esses sons, e nós dois ríamos muito com coisas do tipo: *"o saco do Sérgio é sujo e sacode o sossego do 'seu' Simão quando assusta o sujeito do sete"*. Maluca sim! Mas as crianças se encantam quando lhes é permitido usar o *non-sense* como forma de expressão. Se Lewis Carroll pode, por que as crianças não podem?

Não acredito que o fonoaudiólogo possa dispensar os treinamentos específicos de partes

da linguagem, desde que, evidentemente, ele não perca de vista jamais a perspectiva da comunicação daquela determinada pessoa com a qual está trabalhando. Com crianças, as letras, os sons, o diálogo, a narração, a língua, a orelha, as várias formas de representar no papel ou outros materiais – ou de outras formas, inclusive brincando de casinha – as coisas do mundo, enfim, tudo pode ser tratado de um modo lúdico e criativo, gostoso e sério. É claro que para tanto é imprescindível que o fonoaudiólogo seja capaz de 'ouvir' tudo quanto a criança tenha a dizer. O contato do fonoaudiólogo, clínico ou institucional, com crianças e com sua comunicação dá a ele uma ampla possibilidade de participar do crescimento de uma pessoa que possa apreender melhor o mundo, entendê-lo, criticá-lo e modificá-lo.

A leitura crítica de um texto, ou de um livro e o próprio desenvolvimento de uma atitude crítica diante dos fatos podem e devem ser objeto do fonoaudiólogo, enquanto educador que também é, ou que deveria ser. Antes porém de estimular apenas uma crítica, ou no caso, de estimular apenas um lamento, uma queixa da professora chata ou dos pais autoritários, problemas difíceis para uma criança pequena modificar sozinho, o exercício da crítica e sobretudo da reflexão sobre os 'porquês' das coisas serem como são pode começar a desenvolver-se através da literatura, escrita para crianças. Da mesma forma que uma biblioteca infantil, uma sala de aula, uma livraria, um lar ou um local de trabalho, a sala de terapia do fonoaudiólogo deve ter muitos livros para a criança escolher. A noção de que o que está escrito não é necessariamente bom e pode ser mesmo uma bobagem, como insiste Fanny Abramovich, é fundamental. Quanto mais a criança tenha a oportunidade de

ler e liberdade de comentar o que leu, sem a preocupação de estar sendo testada, tanto maior a probabilidade de elaborar suas fantasias, medos, angústias e mais precocemente tornar-se senhora do seu destino, de seu presente e de seu futuro.

Só a literatura infantil faz todo esse milagre? É claro que não. Mas o fonoaudiólogo que não está utilizando as histórias dos livros, e até lendo para as crianças e ajudando-as a gostar de ler e a se interessar pelas coisas divertidas e emocionantes contidas na literatura, está desperdiçando um dos seus melhores instrumentos de trabalho. Está deixando de recorrer ao material mais adequado e mais apropriado ao seu trabalho, entre quantos já foram criados.

Algumas falas de crianças, que registrei, mostram isso claramente. Uma é da menina de 7 anos (filha de uma amiga) que a propósito do *Ou isso ou aquilo*, de Cecília Meirelles, escreve um outro poema e numa atitude claramente contestatória diz que "...se eu pegar o dobro, eu terei isto e aquilo, e mais aquilo outro". A crítica à idéia da restrição embutida no texto foi, claramente, explicitada. Outra, com queixa de problemas de leitura e escrita; se encantou tanto com os irmãos Grimm que me disse, depois de ter lido um montão de contos: "...As princesas dessas histórias eram bem bobinhas, mas até que eu 'gostava' de ser princesa um dia. Elas sempre se davam bem". E outro caso, relatado por um colega, de um menininho que ia mal na sua escola, não fazia a lição de casa e fazia algazarra na aula. Minha colega lhe deu um livro para ler, deixando claro que não esperava nenhuma retribuição (deve ter sido o primeiro livro em que botou as suas mãozinhas de 8 anos). Ele leu um bom pedaço e quando terminou a hora da sessão pediu: "*Posso ler mais*

um pouquinho?"

Faz alguns anos que chegou a mim um garoto de 14 anos, repetente de escola estadual, com várias passagens por terapias fonoaudiológicas do tipo 'convênio'. Lia mal, não entendia o que lia, suas redações eram estereotipadas, moralistas e infantis. Porém lidava bem com os fonemas surdos e sonoros e com a ortografia em geral. Detestava a escola, mas falava com entusiasmo de um tio que o deixava ajudá-lo na sua oficina mecânica de carros. Frequentava baillinhos do bairro, jogava as suas 'peladas' e me fazia muitas perguntas onde deixava clara sua curiosidade sobre o sexo, amor e como ganhar dinheiro. No começo as crônicas do *Para gostar de ler* que eu lhe punha nas mãos, achando que seriam mais adequadas para sua idade e também por serem curtinhas, não lhe despertavam o mínimo interesse. Eu estava repetindo a escola, esmiuçando um texto, cujas ironias e a falta de atualidade não favoreciam seu prazer pela leitura. Essa situação mudou quando, meio por coincidência, ele pegou o manual do meu carro e o leu com rapidez e gosto. Era como se o que lia antes fosse em outro idioma, no qual ela era um iniciante. Foi uma surpresa para mim! A leitura seguinte foi a página esportiva de um jornal, onde o fenômeno se repetiu. Seus livros de Português falavam de ratinhos e outros bichinhos, ou de meninos estudiosos e bem-comportados. Os livros indicados para ler eram todos sobre assuntos que provavelmente interessavam às meninas. E eu, de minha parte, lhe tinha sugerido crônicas que não tinham nada que ver com ele. No jornal, depois que ele me mostrou que podia ler bem e, principalmente, mostrou isso a si mesmo, passou a acompanhar a campanha eleitoral do momento, com muito interesse. Passamos para

romances onde apareciam namoros, paixões, ciúmes, abraços e beijos e tantas outras coisas parecidas com as que ele vinha vivendo nos ballinhos de fim de semana. Lemos aventuras, muitas vezes eu lia para ele também, poesias e outros manuais de carro. Hoje esse menino deve estar um moço; mecânico? Não sei, perdi o contato com ele. Já não precisava de mim, tinha passado de ano e a família achou que já bastava. Eu também achava. Mas nunca vou esquecer esse menino, com problemas de leitura que me ensinou a ler. Gerald Coles relata um caso análogo muito interessante, ocorrido em 1907. Esse caso foi tratado por James Himshelwood, um oftalmologista pioneiro no estudo da assim chamada 'cegueira verbal', que desprezou as evidências relativas ao conteúdo do material didático utilizado, seguindo a duvidosa hipótese de um distúrbio fisiológico.³

O caso relatado acima não deve sugerir a idéia errônea de que para os meninos das zonas rurais se deveria sugerir manuais de agricultura nem que para os nordestinos, os heróis cangaieiros ou apenas a fantástica literatura de cordel. As coisas da vida real, como demonstrou Paulo Freire, podem perfeitamente desencadear

o interesse, por essa coisa difícil que é a alfabetização. Mas é um caminho igualmente perigoso, em termos da preservação do sistema, se a criança não tiver acesso a tudo o que se escreveu para ela.

Fantasiar a neve os príncipes medievais, nos burgos europeus, é um direito que todas as crianças têm. Saber o que se passa numa metrópole, ou no Sítio do Pica-pau-amarelo, interessa e faz pensar à criança no interior do Piauí ou às que vão para a Disneyworld, ou esquiar em Bariloche. Já ficou provado que o excesso de regionalização é uma bobagem e que prender o homem a terra é uma idéia reacionária, mesmo que venha enfeitada pela idéia de respeito à cultura popular de cada região. O conhecimento do mundo, senão do universo, é o que interessa e é esse o objetivo que deve estar na mente do educador.

A literatura infantil, descrita como o faz Fanny Abramovich nesse seu livro desprezioso, diz isso e mostra ainda como se utilizar desse poderoso instrumento de conhecimento humano. Começa-se por aí, e o que se segue é quase um infinito de satisfação e crescimento.

3. COLES, G. *The learning mystique*, New York, Pantheon Books, 1987. cap.1.